

A Queda das “Gangorras da Revolução”: Uma análise da ressignificação compulsória de símbolos na era do capitalismo de vigilância¹

Luiza Reis²
Letícia da Silva Pereira³
Elisa Rios⁴
Carolina Cassoli⁵

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

O presente trabalho se propõe analisar, a partir do episódio dois da primeira temporada da série de animação brasileira *Irmão do Jorel*, nomeado “Gangorras da Revolução”, até que ponto símbolos e atos revolucionários ainda podem ser considerados, de fato, revolucionários. O estudo toma por base os conceitos de Sociedade Disciplinar de Michel Foucault (1979) e o conceito de Capitalismo de Vigilância, de Shoshana Zuboff (2020) para articular de que forma esses símbolos integram uma estrutura dialética que inclui sua apropriação sistêmica no cenário neoliberal contemporâneo e sua ressignificação cultural como ato de resistência.

Palavra-chave: *Irmão do Jorel*; representação; teoria da comunicação.

Introdução

“*Irmão do Jorel*” é uma série de animação brasileira criada por Juliano Enrico, quadrinista, apresentador e roteirista brasileiro, co-produzida pelo canal televisivo Cartoon Network e pelo estúdio de animação nacional Copa Studios. Lançada em 22 de setembro de 2014, a série, cuja primeira temporada conta com 26 episódios, foi vencedora de um *pitching* para produção de novas animações nacionais promovido pela

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 1º. Semestre do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e-mail: luizareis.alves02@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e-mail: leticiapereira3004@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e-mail: rioselisa2003@gmail.com

⁵ Mestranda em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFRJ. Orientadora do trabalho, e-mail: carol.cassoli@gmail.com

Cartoon Network em 2009 e rapidamente conquistou o país e grande parte da América Latina. Atualmente, a produção possui cinco temporadas, totalizando 127 episódios e há, ainda, mais três especiais. O roteiro dos episódios e os personagens principais baseiam-se na própria vivência do criador, que se inspirou em acontecimentos reais de sua infância para desenvolver a trama da série

O presente artigo, busca analisar, a partir do episódio dois da primeira temporada, nomeado “Gangorras da Revolução”, até que ponto símbolos e atos revolucionários ainda podem ser considerados de fato revolucionários. Para isso usará o texto Sociedade Disciplinar de Michel Foucault (1979), A Era das Revoluções de Eric Hobsbawm (1962) e Capitalismo de Vigilância de Shoshana Zuboff (2020).

A trama do episódio gira em torno da empolgação do protagonista, Irmão do Jorel, que após ouvir importantes revelações sobre o passado revolucionário de seu pai, Seu Edson, vai para a escola determinado a lutar contra o que está errado usando seu valioso “short camuflado série especial Steve Magal” (IRMÃO DO JOREL, 2016, 3min45s). Neste episódio, Seu Edson conta sobre a criação de uma peça de teatro revolucionária, o “Urso da Casca de Noz”, em uma época em que os palhaços (agentes militares) estavam no poder. Na apresentação, Seu Edson cantava junto com Perdigoto, que viria a se tornar um apresentador famoso da televisão, sobre um filhote de urso que morava em uma casca de noz. No entanto, a peça foi interrompida pela preocupação de estar sendo vigiado.

Na escola, quando o sinal anunciando o fim da hora do recreio bate, Irmão do Jorel, usando seu short camuflado depois de muito insistir e prometer a mãe que não o rasgaria, se vê inspirado pela história do pai e insiste em ficar brincando enquanto todos voltam para as aulas. A diretora, então, aparece o forçando entrar na sala de aula e quando ele decide finalmente sair do brinquedo, um fio solto da bermuda fica preso na gangorra, o fazendo se recusar a deixá-la para não danificar o short camuflado. Assim, casualmente incitando a criação de um motim contra o fim da hora do recreio, pois todos acreditam que ele enfrentou a diretora por vontade própria. Os alunos começam uma rebelião e brincam no pátio sem limites, até que os militares e o Perdigoto chegam para controlar os rebeldes. Doces, com a imagem de um urso em uma casca de noz, são deixados sobre as carteiras para incitar a entrada das crianças de volta à sala de aula. Ao fim do episódio, todas retornam aos estudos, enquanto o Irmão do Jorel permanece

frustrado no pátio, pois perde seu precioso short para a gangorra. Seu Edson, então, aparece e o conta que também não teve sucesso em sua própria revolução.

Funções narrativas e simbólicas dos personagens

Analisar os personagens de “Irmão do Jorel” é uma forma eficaz de compreender como o desenho apresenta e problematiza experiências familiares, escolares e sociais da infância. Através deles, a série aborda temas como a construção da identidade, a relação com a autoridade, os conflitos geracionais e o espaço do recreio como território de aprendizagem informal. Ao representar situações que espelham o cotidiano de muitos, o programa permite discutir valores, emoções e dinâmicas de convivência. No episódio “Gangorras da Revolução”, cada personagem é fundamental para compreender como a narrativa constrói críticas sociais e educacionais por meio da linguagem do entretenimento. Através de figuras como Irmão do Jorel, Seu Edson e Perdigoto, o episódio articula uma sátira ao ambiente escolar tradicional, às estruturas de poder e às dinâmicas de resistência. Além disso, os personagens funcionam como arquétipos que expõem relações sociais mais amplas, como as disputas por espaço, escuta e autonomia dentro do ambiente escolar. Ao analisar essas figuras, torna-se possível identificar como a série utiliza o exagero, a ironia e o absurdo para debater, de forma acessível e crítica, questões importantes sobre infância, educação e poder.

Ao examinar os personagens presentes neste episódio, é interessante iniciar a análise por Seu Edson, uma pessoa neurótica que dedica sua vida ao teatro revolucionário e um dos protagonistas desse episódio. Já no início da trama, é nítido o orgulho que tem por ir contra um sistema militar e opressivo. Ele mostra estratégias revoltosas e esperança constante em uma nova revolução, mas não esconde as sequelas da perseguição sofrida. Seu Edson não só foi tido como louco em sua época por ir contra o governo vigente, mas “tornou-se” louco. Segundo Foucault (1961; 1975), o poder disciplinar se impõe de forma a iluminar negativamente o indivíduo em descompasso com as normas. Avançando ainda mais em sua obra, e levando em consideração suas observações a respeito do conceito de loucura, é possível perceber que o tratamento social ao louco, ou seja aquele que perde o medo das consequências de se ir contra as normas, não se resume única e exclusivamente ao afastamento social, mas, também, a tortura e a presuposição geral e infame de descredibilidade que pode vir

a desarticular toda e qualquer tentativa de movimentação política. Isso é o que acontece com Seu Edson, que ao criar uma rebelião em sua juventude, contra o governo militar vigente, foge às normas exigidas e passa a ser perseguido por esse sistema disciplinar. A perseguição deixa sequelas, a sensação de estar sendo observado e controlado a todo momento, que fazem com que a sociedade acredite que ele é louco. Toda e qualquer tentativa de movimento político, peças revolucionárias e filmes conceituais feitos por Seu Edson passaram a ser descredibilizados pelo seu status social de descompensado.

Em seguida, é relevante observar a figura de Perdigoto, indivíduo que, no passado, era amigo e concordava com os ideais de Seu Edson, mas que, ao performar sanidade, saiu do foco da perseguição dessa sociedade disciplinar. Vemos em Perdigoto a completa e total falta de interesses e opiniões pessoais ser recompensada com riqueza e status. Segundo as ideias apresentadas em “Nascimento da Biopolítica” de Foucault (1979), Perdigoto é considerado o *homo oeconomicus*, um sujeito empreendedor de si que age no mercado em busca de lucro e vantagem. O personagem enxerga a si mesmo, e em determinado momento é também enxergado pelos outros, como capital humano. O apresentador televisivo gera sua vida como um portfólio de investimentos sociais, internalizando uma pressão por performance que o faz vender seus ideais, amigos e relacionamentos íntimos - nunca citados durante toda a série - para ter certeza de que é bom, bem sucedido e são.

Estendendo a análise para personagens com menor destaque no episódio como a Mãe, o Jorel, o Nico e as Avós, é perceptível o quanto o consumo e a ordem se sobrepõem às noções de problemas relativos ao sistema, que rege a sociedade, e ao governo. Tudo contribui para uma lógica familiar na qual não se deve conversar sobre política e lutas sociais na mesa de jantar.

O personagem principal, por sua vez, é neste episódio o indivíduo comum. Pressionado, pelo pai, a odiar o sistema, que controla a sociedade, e ao mesmo tempo desejando ser querido por ele. Ele não quer destruir seu short, por isso quer permanecer na gangorra e gosta quando o olham com admiração por ter ficado na gangorra após o horário do recreio - mesmo que o motivo de tal ato não fosse exatamente começar uma revolução. Nesse ato ele junta o “ódio”(revolta) pelo sistema com ser “abraçado” (querido) por ele, pela sociedade. Mas perde o ponto, como líder, da revolução quando perde seu bem material, o short da moda. É interessante para o artigo comentar também

que a hesitação do Irmão do Jorel em sair da gangorra para não rasgar o short camuflado simboliza o conflito entre desejo pessoal, não destruir a bermuda, e normas coletivas, voltar para a sala de aula quando o sinal tocar anunciando o fim da hora do recreio.

Símbolos e a reconfiguração do poder no cenário neoliberal

Considerando os acontecimentos do episódio e os personagens envolvidos, levanta-se então a seguinte questão: até que ponto símbolos e atos revolucionários ainda podem ser considerados de fato revolucionários?

Logo no início da trama, Seu Edson conta a história da peça do Urso da Casca de Noz, que costumava ser um símbolo de uma das resistências dos artistas no teatro na época da repressão, quando, segundo ele, “os palhaços estavam no poder”. Quando Perdigoto vende os direitos da marca para a Shostners and Shostners, uma grande empresa responsável por boa parte do entretenimento consumido, o símbolo da oposição contra a repressão é absorvido pelo sistema, perdendo seu significado original.

Em paralelo, no decorrer do episódio, vemos o protagonista tornar-se o líder de uma pequena revolução ao se apoderar de um símbolo fabricado dentro de uma lógica para o consumo, ressignificando o objeto da gangorra para as crianças. Em ambos os cenários, observa-se um foco estratégico direcionado a relação dessas figuras com a reorganização das relações de poder dentro da esfera social.

Na obra “A Era das Revoluções” (1962), o historiador Eric Hobsbawm sintetiza a ideia de que a derrubada de símbolos e a reconfiguração de espaços públicos refletem o surgimento de novos valores numa revolução e a queda do antigo regime vigente. O autor explica que “em tempos de revolução nada é mais poderoso do que a queda de símbolos” (Hobsbawm, 1962, p. 79). Quando a lógica inversa é aplicada, entende-se que a permanência desses símbolos evoca a memória de acontecimentos anteriores, de forma a glorificá-los ou condená-los, e representa um obstáculo para a reconfiguração do poder, seja ela fruto de um movimento social ou resultado de um golpe antidemocrático.

A ideia de Hobsbawm (1962), se articula ao cenário neoliberal contemporâneo através dos mecanismos advindos do chamado “capitalismo de vigilância” (Zuboff, 2020), que tem a finalidade de absorção e transformação destes símbolos através de sua reprodução em massa e estranhamento do sentido original. Segundo Zuboff, o

“capitalismo de vigilância é uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais ocultas de extração, previsão e vendas” (Zuboff, 2020, p. 15).

Entende-se que dentro dessa lógica, graças a dataficação, isto é, “um processo de tradução da vida em dados digitais rastreáveis, quantificáveis, analisáveis, performativos” (Lemos, 2021, p.195), da experiência de usuários de diferentes tecnologias ao redor do mundo, torna-se possível um cenário onde a derrubada de símbolos já não é mais necessária para eliminá-los como um empecilho à reconfiguração do poder. Ao invés disso, os símbolos podem ser ofertados como objeto de consumo personalizável em massa, sendo então esvaziados de seu significado e incorporados numa “gramática do capital” que legitima e naturaliza as interferências do capital nas diferentes instâncias da sociabilidade (Grohmann, 2020, p.115), provocando um efeito de conformidade oposto ao pretendido originalmente na criação do símbolo. No desenho, isto é exemplificado pelo “urso da casca de noz”, que antes foi símbolo da luta contra a repressão, e no presente estampa os rótulos dos doces que foram utilizados como forma de atrair as crianças para dentro de sala novamente.

Alternativas de resistência

Se o símbolo é transformado em uma “casca vazia”, isto é, não mais representa um ideal e perde sua autenticidade, sua existência única na qual se desdobra sua história (Benjamin, 1935, p.165), a única forma de recuperá-lo como figura revolucionária é por meio da resistência. Surge, então, uma outra questão: se estamos inseridos em constantes dinâmicas de poder onde até mesmo símbolos revolucionários serão absorvidos pelo sistema vigente, dados os mecanismos que facilitam essa absorção e ressignificação que visa o consumo, é possível resistir concretamente a essas dinâmicas?

Segundo Hobbes (2003), resistir constitui um direito inalienável do indivíduo, manifestando-se na recusa em obedecer a ordens que ameacem sua própria preservação. É possível articular esse conceito de resistência individual como direito à teoria foucaultiana sobre poder, que argumenta que toda estrutura de poder está sujeita a resistência (Foucault, 1988). Se o sequestro e estranhamento dos símbolos e atos revolucionários constitui uma ferramenta que pode servir tanto para derrubar quanto

para manter uma estrutura de poder, então, infere-se que a resistência a essas dinâmicas se desenvolve da mesma forma que a individual. Resistir não é apenas dizer “não” a algo, mas é também tornar este “não” e outras formas de expressão um meio decisivo de confronto, disputando os espaços, figuras e seus significados.

Ao se recusar a voltar para a sala de aula, Irmão do Jorel reconhece que está sujeito a um mecanismo institucional que vai impedi-lo de fazer o que quer e, ao invés disso, vai impor a ele tarefas repetitivas em um espaço controlado e constantemente vigiado. O protagonista propõe, mesmo que inicialmente sem intenção de fazê-lo, um enfrentamento a uma lógica disciplinar rígida, adotando ideais similares aos de seu pai. Para Michel Foucault, “a disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (Foucault, 2014, p. 170). No decorrer do episódio, Irmão do Jorel é capaz de retomar brevemente o sentido original da figura do urso da casca de noz, que já tinha sido absorvida pela Shostners and Shostners, como símbolo revolucionário para confrontar a dinâmica de docilização aplicada pelo poder disciplinar da escola. Ao disputar esse espaço na ordem simbólica e abalar momentaneamente a estrutura de poder vigente, o personagem desafia a noção repressiva e produtiva do modelo, se recusando a ter seu comportamento moldado e sua subjetividade estruturada de acordo com interesses externos.

Considerações finais

Levando em consideração todas as problemáticas trabalhadas neste estudo, pode-se dizer que a resistência é, para além de algo que pode ser representado em um símbolo ou não, um movimento pertencente ao tempo em que se dá. A dialética dos símbolos ao longo do tempo em função de sua apropriação sistêmica, de significação cultural, ou dissolução completa de valores sociais – sendo o primeiro critério o mais explorado neste trabalho – não apaga a contribuição efetiva da movimentação estratégica do símbolo no tempo em que foi significante de resistência.

Deste modo, o símbolo é um instrumento a ser preenchido de significado. Sua função se inicia na apropriação ideológica e termina no esvaziamento. Disso se tira uma parte importante da discussão: o símbolo morre, mas o tempo em que foi realizada a movimentação está historicamente cravado como uma força que se impõe, pela

inegabilidade, ao apagamento. Assim, o interesse do capitalismo de vigilância, que digere o símbolo e a partir dele produz algo que o conecta a um interesse individual dissociado de causa, também evoca o papel de produzir uma dialética incessante na criação de novos símbolos e novas movimentações que exteriorizam os interesses que antes eram sintetizados no campo simbólico.

Ou seja, numa fundamentação distinta para a mesma argumentação, é possível dizer que, se para Michel Foucault (1988) onde há poder, há resistência, logo também não há um objeto simbólico que não esteja em embate direto com sua insignificância. A resistência, portanto, não reside apenas na negação, e sim na mobilização do corpo de resistência em se tornar este “não” no tempo e espaço em que se propõe ser opositivo. Em suma, o caráter de reapropriação de símbolos antes esvaziados de sentido comprova-se ao estar presente não apenas metalinguisticamente na produção de “Irmão do Jorel” por si só, ao utilizar de símbolos anteriormente esvaziados de sentido – o palhaço, a empresa, a gangorra – para debater e satirizar o sistema capitalista e militarista dos anos 1960-1980, mas também nas próprias ações do protagonista durante o episódio “Gangorras da Revolução”. O personagem Irmão do Jorel é capaz de construir um ambiente de confronto direto com a estrutura de poder que vigora em seu tempo ao resignificar um símbolo anteriormente já resignificado dentro de uma lógica de consumo neoliberal, evidenciando a própria possibilidade de disputa como uma forma de resistência.

Referências

"Gangorras da Revolução". In: **Irmão do Jorel** (Temporada 1, Episódio 2). Direção: Juliano Enrico, Fernanda Tomasoni Laender e Pablo Zucarrino. Produção: Copa Studio, Cartoon Network. Rio de Janeiro: Copa Studio, 2014. Streaming son., color (11 min): HBO Max. Disponível em: <https://www.hbomax.com>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de Francisco de Ambrosi. 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, M. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade**. Verve, n. 5, p. 260–277, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Loucura, linguagem e literatura**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Sérgio Tellaroli. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 227–243.

GROHMANN, Rafael. **Plataformização do trabalho: desafios e perspectivas**. Revista Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 1–16, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uff.br/contracampo/article/view/41533>.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa, 1789–1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEMONS, André. Dataficação da vida. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>.

LUZ, Gerson Vasconcelos. Hobbes e o direito de resistência. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 106–123, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v10i2.617>. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/617>.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.